

Congresso debate cultura capixaba na Ufes

Os pesquisadores não conseguiram, mais uma vez, definir o que é ser capixaba



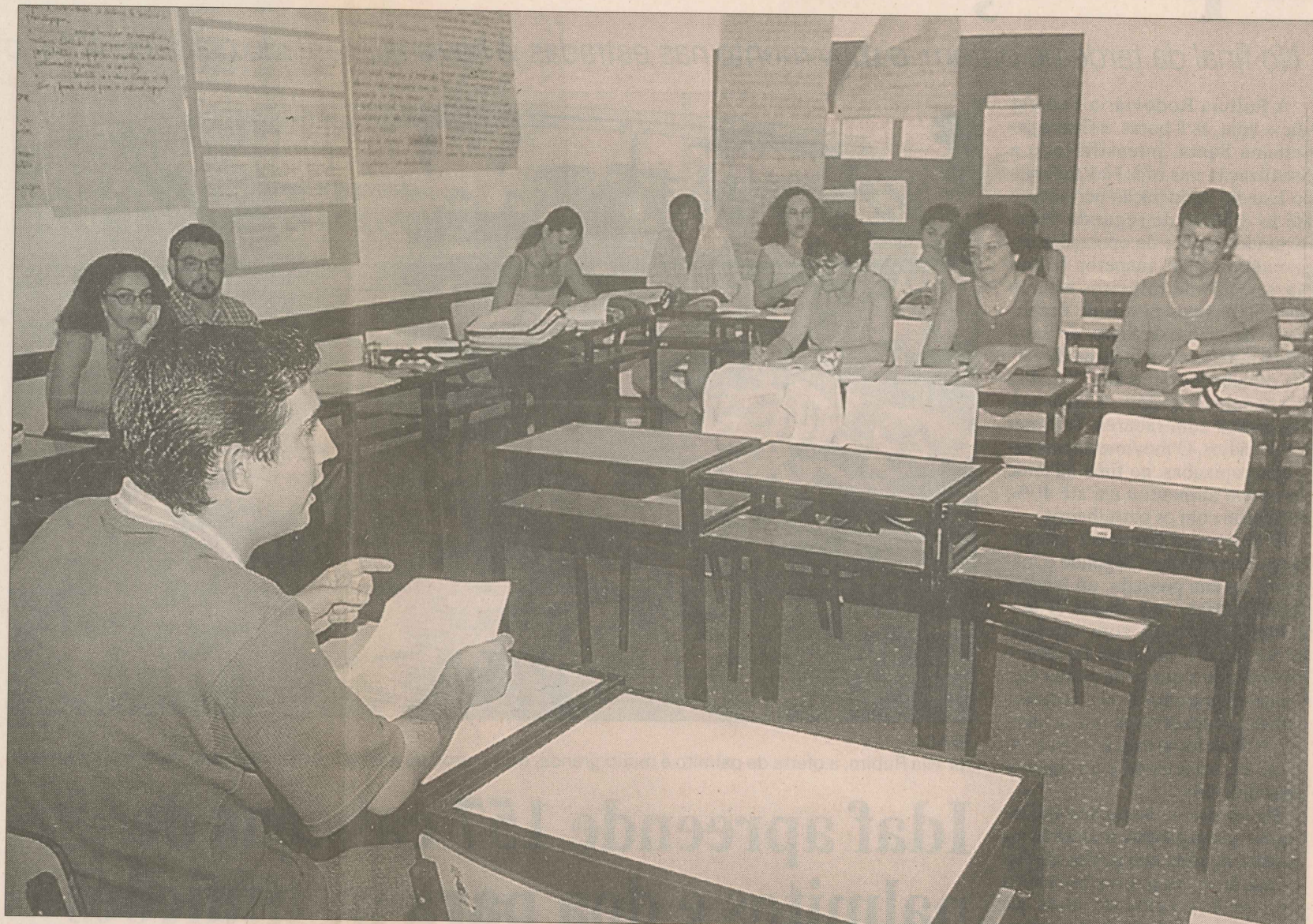
21ª REUNIÃO da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA de ANTROPOLOGIA

cozinhar essa muqueca capixaba ao molho de urucum, e sem dendê". Em seu entendimento, "afirmar uma branquitude é afirmar a cultura do pai, do dominador".

MERCADO – O debatedor da sessão, o sociólogo Erly dos Anjos, concordou e completou: "Há uma tentativa de agradar ao mercado global, de ter uma imagem do Espírito Santo de que aqui também temos o espírito empresarial, a racionalidade econômica, em função do predomínio do branco, produtivo, que somos "buonna gente", e que podemos nos inserir neste mercado global". Para Erly, "essa é uma visão elitista, parcial, fragmentada, da verdadeira complexidade da realidade regional que tem que ser reestudada e discutida".

Esta postura se reflete, por exemplo, na apropriação de imagens que caracterizam o Espírito Santo, como o marlim azul, a panela de barro e o tambor de congo, pelo poder público. Essa prática foi apontada pela escritora Bernadete Lyra como "uma tentativa de inserir o Estado no mercado globalizante". Mas, segundo ela, essas imagens perdem suas características naturais e são transformadas pelo discurso governamental, que as artificializa.

O complexo de inferioridade do Espírito Santo, vizinho dos grandes centros, é um dos temas



BUSCA

Os debates que estão sendo realizados por antropólogos na Ufes estão proporcionando a oportunidade de se esclarecer fatos muito intrigantes

Historiador contesta negritude

da pelos pesquisadores, mas a intensa miscigenação entre índios, brancos e negros foi considerada fator determinante para a formação de uma identidade cultural capixaba. Segundo o escritor e professor Francisco Aurélio, "somos mestiços de brancos, negros e índios sem predomínio de uma cultura ou raça superior. Gostamos do churrasco, da macorronada, do chucrute, da polenta, polcas, tarantelas, mas o que nos caracteriza mesmo é a muqueca de badejo, do molho de camarão pequeno".

O professor contestou a afirmação do jornalista Rogério Medeiros, em sua mais recente obra, de que a miscigenação entre o branco europeu e os índios e negros não se deu no Estado, e que aqui predomina "um povo de cor clara, para jambo, e cabelos castanhos para aloirados. Esse é o biotipo de Venda Nova do Imigrante", frisou.

Aurélio destacou que "as poucas ilhas étnicas, ainda existentes, cada vez mais se mesclam com outros diferentes de si, formando essa panela de barro que somos para

Espírito Santo, vizinho dos grandes centros econômicos do país, foi lembrado como a primeira marca da identidade capixaba: a de ser um Estado periférico. Para o editor José Carlos Simonetti Júnior, o capixaba da capital só começou a se preocupar com esse fato a partir da segunda metade da década de 60, quando Vitória, e o Estado, passam por transformações econômicas. "A gente só vai se preocupar com a identidade capixaba quando começamos a perder elementos tradicionais de nosso cotidiano. E isso veio com as mudanças arquitetônicas e estruturais em Vitória".

O discurso da identidade busca, nesse período, a preservação dos valores que estavam sendo perdidos e esquecidos, inclusive o congo e a panela de barro, e chega aos dias atuais com um caráter vanguardista. "A discussão agora não busca a preservação, e sim tenta apontar como podemos usar esses valores capixabas e de que maneira vamos construir o Espírito Santo do futuro", concluiu.

O historiador Renato Pacheco contestou ontem, durante a última sessão do grupo que discutiu a identidade cultural capixaba, a afirmação de que a maioria da população capixaba é formada por negros. A informação consta da pesquisa "Negros do Espírito Santo", realizada pela professora de História da Ufes, Leonor Araújo em um trabalho interdisciplinar. Pacheco, que ontem apresentou o que há de capixaba na cultura popular, disse que é preciso realizar um estudo de antropologia física no Espírito Santo para se saber qual a etnia predominante, mas não descarta o fator de embranquecimento a partir da chegada, em massa, de imigrantes italianos e alemães ao Estado.

A GAZETA – O senhor concorda que a maioria da população capixaba é formada por negros?

RENATO PACHECO – Discordo completamente, embora admire muito o trabalho que Leonor (Araújo) vem fazendo nessa área. Porque o pardo não é negro e se perguntar ao pardo o que ele é, vai dizer que é branco. O caso é uma questão de estatística. O IBGE errou ao fazer essa junção. É igual ao estatístico que faz uma média do frio do freezer e o frio da geladeira e por essa média chega a resultados que não são reais. O frio do freezer é um e o da geladeira é outro.

– Mas o IBGE, para efeitos estatísticos no censo do ano 2000, vai considerar pretos e pardos como população negra. Isso já foi determinado.

– Pois é, mas não é certo. Se fizer um estudo de antropologia física no Espírito Santo, você vai chegar mais ou menos à mesma conclusão de Rogério Medeiros, no belo livro dele sobre as etnias, de que nós somos como você (ele se referia à repórter).

– Pois é, mas apesar de branca eu tenho sangue negro.

– Sim, mas tem italiano também.

– E tenho sangue índio também.

– Claro, nós todos temos. As estatísticas brasileiras são falsas, pecam porque não são feitas com critério científico. Essa estatística (sobre a

predominância de uma etnia no Espírito Santo) tem que ser refeita através de estudos científicos de antropologia física, para saber realmente se está havendo branqueamento ou não da população. Eu me baseei nas estatísticas de população do Século XIX que estão no livro da Vila Paraíso, que é insuspeita. A população afro era muito pequena.

– O senhor acha que se deveria discutir as diversas identidades do Espírito Santo ou a identidade capixaba, que segundo o professor Roberto Garcia Simões, se refere aos habitantes da ilha de Vitória?

– Eu concordo que nós temos que discutir os diversos Espíritos Santos. Nós temos sub-áreas culturais, mas acontece que eu expliquei que o tema que foi proposto é a identidade cultural do capixaba. Então, frisei que o capixaba, tecnicamente, seria um morador de uma região de Vitória e seus arredores. O morador de Guaçuí é um mineiro-capixaba, o de Montanha é um baiano-capixaba.

– Então não se pode discutir uma identidade única capixaba?

– Poder pode, porque tudo é discutível. Mas ninguém vai chegar a uma conclusão. O trabalho de Oscar (Gamma Filho) diz isso com genialidade (o

trabalho foi apresentado na segunda-feira, no grupo de identidade).

– Mas pode-se falar de uma identidade cultural capixaba?

– Poder pode porque você, como hipótese de trabalho, pode levantar qualquer coisa.

– O senhor chegaria a que conclusão?

– Que o capixaba é um ser em mudança. Ele está passando para uma sociedade industrial globalizada, tendo vivido 400 anos numa sociedade pré-industrial, agrícola, Vitória tinha poucos comerciantes, muitos funcionários públicos, não tinha nem jornalismo, porque o jornalismo era gratuito. Hoje, temos jornalistas pagos, é outra coisa. É o mundo, como diz Max Weber, da relação contratual, legal.

– Então, o senhor está se referindo ao ciclo econômico como determinante no cultural.

– Sim, a Ufes, por exemplo, só foi criada porque o Espírito Santo chegou a um momento que poderia ter a universidade. A economia, a infra-estrutura vai influenciar a super-estrutura, isso é Max puro e é a realidade. Então, a universidade, ao longo dos próximos 50 anos, vai mudar este Estado.

– O que essa passagem do Espíri-

to Santo provinciano para a era globalizada vai determinar para a identidade cultural capixaba?

– Daqui a dez anos nós voltaremos a conversar. Mas eu acho que cada vez mais nós vamos ser influenciados pelos grandes centros. Principalmente Rio e São Paulo.

– Nós vamos perder características e elementos da cultura local?

– Não, de jeito nenhum, porque sempre o regional vai ter sua vez. Há coisas que são locais, as curiosidades, os malucos, os poetas, as histórias, as anedotas inventadas aqui, então, só chega ao universal pelo regional. Começa pelo homem, onde está o homem? O homem está num determinado espaço, daí para a frente é que vai se chegar a uma unidade.

– Então, o que é cultura tipicamente capixaba?

– Baseado na pesquisa do grande folclorista Guilherme Santos Neves, alguns traços são capixabas, como a torta, a panela de barro, a banda de congo, tudo isso. As festas do mastro e a casaca, ou reco-reco (instrumento das bandas de congo) também.

– A gente pode falar de um modo de agir, ou comportamento tipicamente capixabas?

– Todos os modos de agir que se referem ao capixaba pela bibliografia que eu examinei são pré-industriais. Então, no Nordeste eles fazem mesmo esse negócio de ser brincalhão, amigável, são modos de agir pré-industrial que vão desaparecer com a industrialização.

– O que caracterizava o capixaba antes dessa industrialização e que já está desaparecendo ou já desapareceu?

– Essa capacidade de receber o estrangeiro, significando uma pessoa de fora. Quem chegava de fora aqui era dono. Teve um cidadão que chegou a Vitória dizendo que era filho do senador Arnon de Melo. Não era o Fernando Collor, não. No mesmo dia foi recebido no Palácio (Anchieta). E ele era um mentiroso. E ele (o capixaba) era muito aberto, brincalhão, era mais hospitaleiro.

O QUE É SER CAPIXABA?

BERNADETE LYRA

Escritora e ex-secretária estadual de Cultura

"Eu penso que esse encontro que dedicoo apropriadamente uma sessão para o capixaba – que não é uma tribo como alguns antropólogos chegaram a pensar – ele não deu resposta alguma. Não sei o que é ser capixaba. Disso tudo o que ficou foi que há uma preemência, uma necessidade de ancoragem, talvez diante da ferocidade com que o mundo está se desintegrando em seus valores ancestrais, mais tradicionalistas. Diante de um mercado muito furioso, em que não dá mais para se pensar no pré, você tem que se integrar ou morrer, eu penso que nossa angústia é a mesma de todo ser humano quando ele se pergunta porque nasceu. É a mesma pergunta, o que é ser capixaba?"

FRANCISCO AURÉLIO

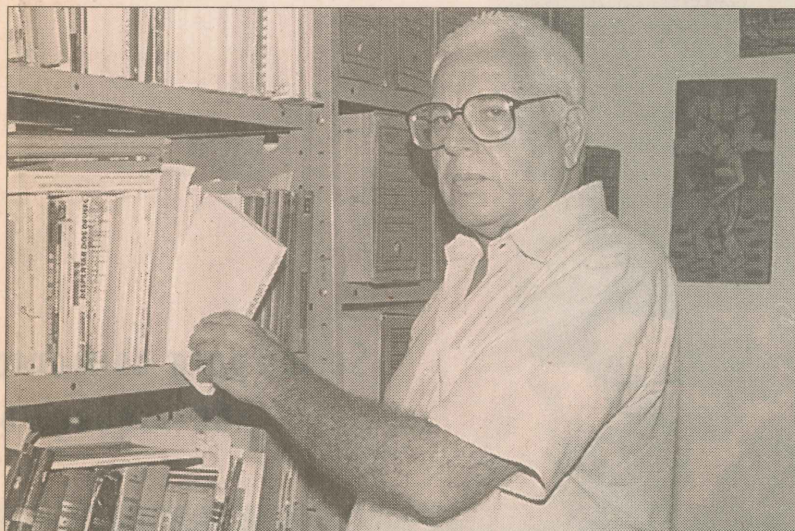
Escritor e professor do Departamento de Letras da Ufes

"É ser um brasileiro mestiço, como todo brasileiro, com a influência de todas as raças, de todas as culturas, e que busca um caminho para sobreviver. O capixaba também é um ser fragmentado dentro dessas grandes pressões culturais que recebe de outras culturas mais fortes, talvez em determinados momentos da história, do que a nossa."

ERLY DOS ANJOS

Sociólogo e professor da Ufes

"Na verdade, ser capixaba é o morador litorâneo, de áreas do litoral de Vitória. Tem a ver com o mar, com praias. O capixaba não é, por exemplo, um tipo como eu, que sou do Norte do Estado, que tenho identidades para o lado de Minas Gerais, da Bahia. Em termos de identidade própria eu não sou esse capixaba, nunca fui e não tenho nada contra. Sou um estrangeiro também no litoral."



Luiz Pajau

ETNIAS

O professor Renato Pacheco contesta tese sobre a maioria negra no Estado

Política social provoca críticas

“Não há nos dirigentes públicos um desejo verdadeiro de investimento na área social. Enquanto isso, cresce nas ruas o contingente de meninos e meninas filhos de famílias desassistidas. A classe média empobrece, as camadas pobres estão cada vez mais pobres e se a política sócio-econômica do país não mudar surgirão cada vez mais miseráveis”.

O desabafo foi feito ontem pela coordenadora do Instituto Brasileiro de Inovações e Saúde Social (Ibiss), do Rio de Janeiro, Tiana Sento Sé Chaves, que falou sobre sua experiência com meninos de rua na 21ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). O evento termina hoje em Vitória com a realização de quatro reuniões de trabalho e a assembléia da ABA, que deve resultar na elaboração de algumas moções dirigidas principalmente ao poder público.

MISÉRIA – Para Tiana Chaves, não

se pode resumir à família a culpa pela presença de meninos e meninas nas ruas das cidades (a maioria deles tem referências familiares), porque a questão não se limita apenas aos maus tratos e ao alcoolismo que sempre surgem como explicações para o fenômeno. “A vida na rua nada mais é do que uma estratégia de sobrevivência e a miséria das famílias a principal motivação para os meninos e meninas deixarem suas casas. Já o consumo de drogas, como a cola de sapateiro e a maconha, constitui uma forma de eles não enlouquecerem com a realidade em que vivem”, diz ela.

Nas ruas os grupos reproduzem relações familiares. “Todos são irmãos; há também os pais de rua, e os educadores, contratados pelas instituições públicas e não-governamentais, são chamados de tios e tias”. Mas Tiana Chaves também lembrou que as regras são rígidas e chegam a custar, muitas vezes, a vi-

da dos meninos. “Todos têm em mente a idéia de que podem não estar vivos no dia seguinte”, diz ela.

Tiana Chaves critica a falta de formação de muitos educadores de rua, despreparados para lidar com os meninos e meninas. “Há abrigos sem a menor estrutura e educadores malformados e malremunerados cuja função é apenas de guardar os meninos”, garante.

A coordenadora do Ibiss, que é uma ONG, aponta algumas medidas necessárias à mudança da realidade no país. Diz que é preciso que se reveja a divisão de rendas, que se invista em políticas públicas de alcance social e em escolas não-excludentes e mais motivadoras. Além disso, defende o engajamento da sociedade.

“O problema é de todos nós. Afinal, todos desejamos um mundo melhor, onde possamos circular por espaços públicos sem medo, sem a necessidade de nos confrontarmos com a miséria e a violência”, diz ela.

Especialistas analisam pichadores

Por trás das pichações de muros e prédios há motivações variadas, que passam pela falta de projetos pessoais dos adolescentes, pela ociosidade, por escolas cujo projeto pedagógico não corresponde às expectativas dos alunos e, acima de tudo, pela necessidade de os membros das “tribos” de pichadores se destacarem na sociedade.

Os garotos picham para se tornar conhecidos e, desta forma, ampliam a rede de sociabilidade que vai lhes viabilizar portas de entrada para a aquisição de bens de consumo – preferencialmente roupas e calçados “de marca”. Sem poder aquisitivo para comprar, lançam mão do “rolo” (escambo) e da “parada” (ato transgressor que pode ser o roubo de um objeto).

ESTÍMULO – “A sociedade é individualista, estimula o consumo, cobra o tempo todo que os indivíduos se destaquem, mas não garante a todos oportunidades para que isso se acon-

teça. Por outro lado, a produção da ânsia pelo consumo se dá por meios sutis. A propaganda, por exemplo, é estudada de forma a despertar desejos, a fazer com que os indivíduos se sintam num mundo de sonhos. Predomina na sociedade a mensagem de que, consumindo determinados produtos as pessoas vão se destacar, vão ser amadas”, diz o antropólogo Marcos Homero Ferreira Lima, da Universidade Federal de Pernambuco.

Marcos Lima foi um dos profissionais que discutiram ontem questões ligadas à infância e à adolescência na 21ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, que termina hoje no Campus da Ufes, em Vitória. Ele abordou o tema “Rolo e parada: estratégias de acesso de jovens de baixa renda e consumismo”, com base numa pesquisa desenvolvida com um grupo de adolescentes pichadores em Recife.

A maioria dos adolescentes com o qual o antropólogo vem desenvol-

vendo seu trabalho mora na periferia. Ele explica que não dá para negar no pichador o elemento transgressor, mas nem todos podem ser rotulados como tal. “Nas comunidades pobres os meninos têm dificuldade de acompanhar as cobranças da sociedade e são estigmatizados pela polícia, não tendo acesso a lazer. Utilizam a organização em tribos como estratégia de ganharem visibilidade”, argumenta Lima.

Ele acrescenta que pichadores preferem grafitar igrejas, munumentos históricos, prédios de maior importância, justamente para chamar atenção. “Eles adoram a imprensa porque é ela quem os promove divulgando seus feitos”, comenta. Sobre o significado do vestuário para as tribos, Lima explica que os garotos têm preferência por marcas de tênis, bermudas e camisetas que constituem objetos de desejo de todos os adolescentes, independentemente da camada social a qual eles pertençam.